

ENSINAMENTOS OPERACIONAIS DA GUERRA DO VIETNAM

Gen BEAUFRE

Tradução da Revista Strategie de
Mar/68 — Pelo Maj P. Marcos

O desenvolvimento da guerra do Vietnam trouxe ensinamentos de estratégia total bastante interessantes mas que, até o presente momento, só fazem confirmar as conclusões, no que respeita a forma da estratégia indireta, já tiradas das guerras da Indochina e da Algéria. Em contrapartida, os ensinamentos militares de natureza operacional, se bem que confirmem, como veremos, algumas conclusões anteriores, trazem numerosos elemen-

tos novos, não fôssem pela amplitude dos efetivos e o emprego generalizado das mais modernas armas clássicas.

Esses ensinamentos são diferentes segundo se encare cada uma das três fases sucessivas da guerra do Vietnam que, esquematicamente, assim defino, pela sua característica dominante: o choque dos governamentais com o Vietcong, a escalada americana e, finalmente, a escalada norte-vietnamita.

1) O choque dos governamentais com o Vietcong

A guerra civil começou no Vietnam do Sul no governo de Diem, pelo menos devido a certos excessos da política diemista. Após a queda de Diem, a instabilidade governamental em Saigon permitiu que a rebelião tomasse corpo. Nesse momento, os americanos só intervieram pelo fornecimento de apoio material e dinheiro e também por destacarem, permanentemente, "conselheiros" para junto dos exércitos governamentais cujos efetivos, sempre crescentes, não passaram de 21.000 homens em fins de 1964. Graças à ajuda americana, o exército governamental, pródigoamente equipado, aumen-

tará a seguir até atingir 240.000 homens, organizados em nove divisões, dispondo de 200 aviões dos quais 100 de caça e de 60 helicópteros. Pouco a pouco porém, os americanos introduzem no Vietnam para o serviço de seus conselheiros e também para apoiar os sul-vietnamitas, uma força aérea nada desprezível de 200 aviões e 240 helicópteros. Face a tudo isso os Vietcongs parecem dispor somente de 40.000 soldados regulares e 70.000 de forças auxiliares.

Nesta fase, o governo sulvietnamita, aconselhado pelos americanos, adota uma fórmula

operacional calcada nos ensinamentos extraídos da experiência britânica na Malásia, isto é: a procura da "pacificação pela extensão, como mancha de azeite, fundada no reagrupamento, na proteção e organização das populações em "aldeias estratégicas".

Essa fórmula, que nós mesmos havíamos aplicado na Conchinchina e na Argélia, comporta aspectos interessantes mas também possui limitações. Seu sucesso incontestável na Malásia provinha de condições muito particulares, pois a rebelião na Malásia era essencialmente chinesa e se verificava no seio de uma população maláia, geralmente fiel. A rebelião, muito esporádica que foi, pôde ser eliminada pelos ingleses graças a operações de pequeno porte, com auxílio de helicópteros, e possíveis pelas informações fornecidas pela população. No Vietnã, as condições eram muito diferentes pois não havia duas raças em conflito e, por outro lado, a longa prática da guerrilha, durante a guerra franco-vietnamita, havia conduzido a uma imbricação completa com os elementos vietcongues, no seio de uma população que não queria ou não ousava informar.

Além disso, parece que a estratégia operacional dos sul-vietnamitas foi onerada com três graves erros de aplicação. O primeiro, decisivo nessa espécie de guerra, foi o de não fornecer à campanha de pacificação um tema político capaz de sensibilizar a população. Já Diem havia falhado na reforma agrária e nada de eficaz foi feito para re-

tomá-la, deixando-a, desse modo, como uma plataforma do Vietcong. Mas ainda, os reagrupamentos da população, já de si impopulares entre os povos predominantemente camponeses, foram feitos frequentemente sem discernimento. Finalmente a segurança, dos que foram assim recrutados, mostrou-se desde logo muito precária devido aos atentados cometidos contra os quadros recém implantados. A pacificação, quase sempre, apresentou um caráter formal e precário.

O segundo erro que explica em parte a falta de segurança das zonas pacificadas, foi que estas foram confiadas a organizações militares e paramilitares, diferentes das forças regulares. O resultado, que eu pude constatar "in loco" em 1964, foi que os elementos encarregados da pacificação não dispunham dos poderosos meios dos regimentos e divisões das forças regulares. Estes, limitados às operações, se desinteressavam da pacificação, enquanto que as autoridades territoriais, frequentemente abandonadas a sua sorte, deviam fazer tudo sem meios de transporte e com armamento limitado. Essa dualidade, bastante danosa, levou a reduzir de maneira notável a eficiência da pacificação.

Finalmente, o último erro, talvez o mais grave no plano operacional, consistiu em só conceber o emprêgo das divisões de forças regulares nas proximidades das zonas de pacificação, em ações esporádicas e quase sempre conduzidas com um grande aparato de helicópteros e apoio aéreo. As divisões, dessa forma, tinham a

tendência a cair na rotina das emboscadas e dos pequenos golpes de mão de alcance curto, enquanto o Vietcong podia, a seu bel-prazer, se incrustar em suas zonas de refúgio, aperfeiçoar e desenvolver suas bases, recrutar e instruir suas unidades e, desse modo, aumentar progressivamente suas forças. Assim em fins de 1964, ele estava em condições de combater com batalhões integralmente constituídos, e de defender eficazmente suas zonas de reunião, cobrindo seus depósitos. A existência dessas forças, valorizadas por ações ofensivas de alcance psicológico, reforçava seu prestígio e o dinamismo de sua propaganda lhe permitia agir sobre as populações contro-

ladas pelas turmas de pacificação.

Resumindo, parece que a fórmula aplicada pelo governo sul-vietnamita e pelos Americanos, além de sua fraqueza política congênita, pecava por uma falta de equilíbrio entre a pacificação e as operações de curto alcance dos que não participavam da primeira, enquanto que o Vietcong não era nem molestado em seus esconderijos. Dessa maneira, o poderoso exército sul-vietnamita se perdia, girando no vazio, enquanto o Vietcong construía sua força. Correlatadamente, a situação tendia a se deteriorar. Mas era principalmente em Saigon, devido à instabilidade governamental, onde estava o ponto fraco.

2) A escalada americana

Devido a instantes pedidos do governo sul-vietnamita e também de conformidade com uma idéia há muito acariciada pelo General Maxwell Taylor, embaixador em Saigon, os Americanos adotaram a idéia de intervir diretamente no conflito. Por uma análise errada da situação, eles atribuíram os progressos do Vietcong à ajuda que este recebia de Hanói. Era este o argumento chave dos sul-vietnamitas através de seu governo. As infiltrações e os suprimentos vindos do norte eram reais, mas as avaliações da época, se bem que não mereçam confiança absoluta, davam como de 4 a 7.000 homens em 1964, constituíam somente um fator entre outros e muito menos grave do que a inviolabilidade consentida

das bases vietcongs. Persuadidos de que era preciso fazer alguma coisa para restabelecer a situação, os Americanos julgaram que uma pressão aérea sobre o Vietnam do Norte obrigaria este a parar seu apoio ao Sul. Esta fórmula era simpática aos Americanos porque só acarretava o engajamento de forças aéreas e evitaria, com vantagem evidente, o emprêgo da infantaria na floresta vietnamita. Para o governo sul-vietnamita era a prova de um apoio incondicional dos Americanos a sua causa.

Como se sabe, essa escalada aérea não obteve nenhum sucesso prático, apesar do emprêgo de meios aéreos de uma potência sem precedentes. A progressivi-

dade dos bombardeios "seletivos", em vez de pôr o Vietnã do Norte de joelhos, o jogou inteiramente na guerra, as populações do norte se puzeram em condições de aguentar os bombardeios com um mínimo de perdas e o governo de Hanói intensificou suas infiltrações no Vietnã do Sul.

Um mês após o início da escalada aérea, várias divisões norte-vietnamitas foram identificadas no norte do Vietnã do Sul. A situação tornava-se difícil para o Exército sul-vietnamita. Os americanos viram-se obrigados a enviar forças terrestres ao Vietnã, decisão que eles consideravam, pouco tempo antes, como "a guerra errada no local errado".

Nesse momento, a estratégia americana se polarizou em torno de duas idéias: impedir que os norte-vietnamitas cortassem o Vietnã do Sul em duas partes (como pareciam indicar as informações da época) e barrar, o mais ao norte possível, as infiltrações pela pista Ho-Chi-min. Essas duas preocupações os levaram, após uma série de desembarques costeiros, para assegurar-lhes uma larga porta logística, no mar da China (Saigon é somente um porto fluvial), a engajar suas forças no antigo Anam e nos altiplanos de Moïs. Dispondo de forças bem modernas como a 1ª Divisão Aéreamovel de Caçepcionalmente poderoso, eles são valaria e de um apoio aéreo excepcionalmente poderoso, eles não duvidavam de poder derrotar completamente as forças regula-

res do Vietnã do Norte. Para sua grande surpresa, tiveram que se engajar em rudes combates e, o pior, sem serem decisivos. Ao contrário, a grande combatividade das forças adversas os obrigou, progressivamente, a constituir face as zonas desmilitarizadas e nos altiplanos, uma série de bases mais ou menos fortificadas, cobrindo as pistas de decolagem dos aviões e helicópteros, por isso mesmo tendo que ser em uma grande extensão. Tais bases deviam absorver meios consideráveis, totalmente presos aos seus locais de atuação. Em fins de 1965, o engajamento das forças americanas havia restabelecido um certo equilíbrio, porém seus efetivos já atingiam a perto de 200.000 homens.

Apesar de uma constante progressão dos efetivos, a situação não melhorou nada em 1966 o que levou à, na conferência de Manilha desse ano, decisão de reforçar o corpo expedicionário americano até atingir 500.000 homens. Correlatamente, grandes operações deveriam ser conduzidas no sul do país a fim de desafogar inteiramente Saigon no decurso de 1967. As forças sul-vietnamitas assegurariam a pacificação das zonas limpas pelos Americanos. Essa nova estratégia conseguiu alguns sucessos marcantes, decobrindo e destruindo as imensas bases subterrâneas que a Frente de Libertação Nacional havia estabelecido no delta do Mekong e ao norte de Saigon. Os norte-viet-

namitas porém responderam a essa ação com um ataque dos centros de resistência fortificados do norte. A pressão foi tal que o General Westmoreland teve que trazer reforços, tirados do sul e teve também que interromper sua campanha ofensiva. O equilíbrio estava novamente restabelecido, mas a zona de pa-

cificação havia sido grandemente estendida no sul, até permitir, segundo pensavam os Americanos, controlar 75% da população. Efetivamente, as eleições deviam se desenrolar no sul sem maiores problemas. O ano de 1967 parecia terminar com uma evolução favorável aos Americanos na guerra da Indochina.

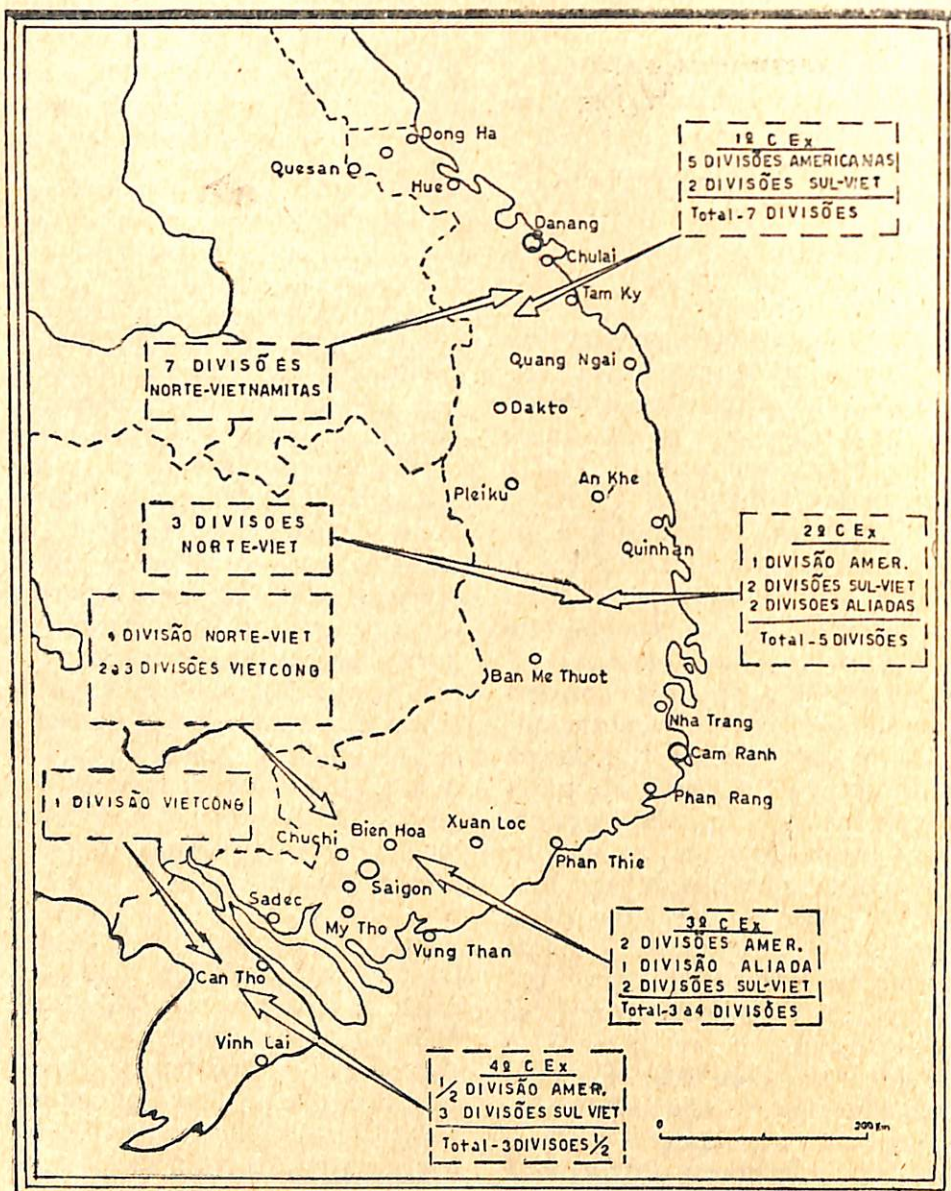
3) A escalada-norte vietnamita

Essa impressão ia ser em breve desmentida pelos acontecimentos que envolveram a ofensiva do Tet em fins de janeiro de 1968. Nesse momento, a FLN e os norte-vietnamitas atacaram de surpresa, simultaneamente, umas quarenta localidades e, quase que em toda parte, nelas penetraram. Se na maioria dos casos os comandos suicidas foram repelidos ou destruídos com rapidez, é verdade também que eles se incrustaram em Cholon e sobretudo em Hué, onde resistiram mais de um mês. Esses comandos puseram em prática uma espécie de guerrilha urbana bastante eficaz. O resultado dessa ofensiva visou principalmente obter um efeito psicológico considerável e também forçar os americanos e sul-vietnamitas a se reagrupar nas cidades e, conseqüentemente, abandonar em parte a rasa campanha. Os progressos obtidos em 1967 com a pacificação foram, praticamente, anulados.

O que mais chama a atenção nesse período porém, é que a FLN e os norte-vietnamitas pos-

suíam uma nova capacidade combativa que tiravam do bom uso que faziam do armamento portátil soviético, que haviam recebido em grande número. A potência de fogo das armas individuais tornaram-se temível, os foguetes anti-carro eram muito eficazes, tanto contra os carros como contra a infantaria, na guerra de rua como na mata, os canhões lança-foguetes e os morteiros permitiam atingir as bases aéreas que era impossível cobrir desde o limite de alcance, os foguetes anti-aéreos ameaçavam tornar muito perigosos os vôos a baixa altura.

Ora, esse armamento teve, sobretudo, a virtude de reduzir o valor do sistema americano fundado em um arquipélago de bases aéreas protegidas. Tal arquipélago tinha sua eficiência baseada na mobilidade aérea de que gozavam os americanos mas custava muito em efetivo. Quando da ofensiva do Tet, para liberar Hué e posteriormente as bases do norte que bordejavam a zona desmilitarizada, Westmoreland teve que engajar suas últi-



mas reservas móveis no norte e todos os seus efetivos ficaram imobilizados para defender suas bases. Não tendo querido reagrupar suas forças, evacuando um certo número de pontos fortes, foi obrigado a pedir novos reforços. A infiltração de várias divisões norte-vietnamitas ao sul da zona desmilitarizada tornava precária a situação das bases americanas, notadamente a de Khe-San, mas parece que Giap evitou fazer cair essas posições que constituem para ele uma espécie de armadilha que não lhe interessa absolutamente desarmar. Provavelmente, parece, ele poderia se servir delas como um meio de pressão se tivesse necessidade de retomar a iniciativa. Mas, no momento (fins de março) ele mantém a iniciativa e permanece senhor da escolha de seus objetivos ulteriores.

Se ele agir ao norte, pode conseguir sucessos psicológicos se tomar Khe-San ou se retomar Hué. Porém ao mesmo tempo ele força os Americanos a reagrupar suas forças e se obriga a si mesmo a defender essa região norte que os inimigos poderão sempre ameaçar por mar.

Se ele agir no centro, pode também obter sucessos psicológicos tomando Dak To, Kontum, Plei Ku ou mesmo Ban Me Thout. Porém a parte estratégica real dessas ações seria limitada.

Se ele agir no sul, pode conseguir em Saigon uma vitória decisiva se lograr neutralizar pelo fogo a base aérea de Tan Son Hut e se cortar o rio em Saigon mesmo. Essas duas ações seriam possíveis desde que eles dispuses-

sem de munição em quantidade suficiente. Saigon, cidade de 2.500.000 habitantes, provavelmente agora com três milhões devido aos refugiados, isolada e cercada, além disso atacada desde seu próprio interior, seria o Dien Bien Phu final.

Ante essas perspectivas, o comando americano, recusando tomar a difícil decisão de reagrupar suas forças, evacuando as bases que havia estabelecido, aventureiramente, ao norte e no centro, respondeu a isso com as únicas manobras a sua disposição: reforço da região norte para aí restabelecer a situação local e desafogar os arredores de Saigon por meio de ataques limitados. Essas ações, pela falta de meios, não permitem ocupar o terreno com a densidade, suficiente para controlar completamente, no limite do alcance dos canhões inimigos, mas podem prejudicar a estocagem da munição dos comunistas e, dessa forma, retardar um ataque geral contra Saigon antes da chegada de novos reforços da América.

Que fazer quando chegarem esses reforços? A idéia geral seria a de retomar a iniciativa e desmontar o espetáculo que o inimigo está preparando. Mas como?

O precedente do desembarque de Inchon durante a guerra da Coreia pode levar a pensar em um desembarque em Tonkin para, no mínimo, conquistar Vinh, cortando a pista de Ho-Chi-Minh. Um plano mais ambicioso seria o de conquistar Haiphong e Hanói, cortando dessa forma, toda a possibilidade de reforço

do Vietnam do Norte por mar ou por ferrovia. Tal ação, conduzida em 1967 com as forças que foram empregadas no norte e no centro do Vietnam do Sul, poderia haver dado resultado, mas em 1968 ela acarretaria a abertura de um novo teatro de operações, isto é, 5 a 6 divisões a menos, com o risco de se envolver em uma nova guerrilha, apoiada e provavelmente reforçada pelos chineses. Enquanto isto a situação no Vietnam do Sul permaneceria delicada do mesmo jeito.

A idéia, várias vezes expressa, de um apelo à arma atômica não resiste a exame desde que se

admita a possibilidade de ver os norte-vietnamitas receberem armas nucleares soviéticas ou chinesas. Todas as posições americanas, concentradas, constituem objetivos atômicos típicos, ao passo que as forças de seus inimigos, dispersas e enterradas, seriam muito menos vulneráveis.

Assim sendo, só resta mesmo é empregar os reforços para impulsionar as ações iniciadas no norte e em torno de Saigon e reconstituir uma reserva para fazer face a qualquer imprevisto. Dessa forma, sem dúvida, a situação poderia ser estabilizada.

4) Conclusões

Da rápida análise que precedeu, tiramos um certo número de ensinamentos.

1) Em uma guerra revolucionária, o essencial da estratégia repousa em um equilíbrio conveniente entre a *pacificação*, operação lenta baseada numa política que visa à absoluta segurança de regiões vitais do ponto de vista econômico e político, e as *operações*, destinadas a manter a insegurança do adversário nas zonas não submetidas à pacificação e a impedi-lo de desenvolver suas forças e sua ação política. Esse equilíbrio nunca foi convenientemente dosado no Vietnam. Na primeira fase, a pacificação, muito disseminada e mal apoiada pela falta de um tema político conveniente, não tinha a cobertura das operações bastante ativas. Na segunda fase, os Americanos empregaram todo seu esforço nas operações, abandonan-

do a pacificação, sempre deficiente, ao exército sul-vietnamita. Na terceira fase, o fracasso das operações acarretou uma regressão muito grave na pacificação.

2) No domínio tático, o empenho maciço de meios modernos (apoio aéreo, helicópteros, artilharia, carros) não permitiu obter resultados decisivos contra uma guerrilha muito móvel, muito combativa e até mesmo capaz de se enterrar para suportar os mais pesados bombardeios. É possível que, pela falta de uma infantaria manobreira, muito habituada a apoio de fogos poderosos, a ação dos Americanos tenha sido muito potente mas com pouca vivacidade. É provável também que o engajamento progressivo desses meios haja permitido ao adversário se adaptar e encontrar as paradas convenientes a tais golpes. Todavia, a impressão que se tira disso é que

em um terreno tão difícil e com tal adversário, seria necessário dispôr de uma infantaria equivalente, que o exército sul-vietnamita poderia ter fornecido. O exército do Vietnã do Sul, regularmente equipado, habituado às operações de força, parece que não adquirira as qualidades próprias do Vietcong e dos norte-vietnamitas. De qualquer forma, o confronto entre um exército baseado no valor do material e um outro baseado no valor individual do combatente mostrou, nitidamente, a predominância deste.

3) Nesta guerra como na franco-vietnamita, a guerrilha inicial desencadeada pelas pequenas unidades deu lugar, ao que eu denomino, a "grande guerrilha", na qual os processos, baseados na surpresa e na mobilidade, foram aplicados por grandes unidades inteiras.

Esse estágio da "grande guerrilha" foi possível devido à recepção de material estrangeiro, chinês em 1950 e soviético em 1968.

Nos dois casos, o material, leve e portátil, era adaptado às operações de guerrilha que, dessa maneira, ganhavam potência sem perder a mobilidade. No último estágio, a posse de canhões leves para lançamento de foguetes e meios anti-aéreos permitiram aos norte-vietnamitas iludir parcialmente as táticas empregadas pelos Americanos para utilizar sua mobilidade aérea, baseada em um arquipélago de bases cobrindo suas pistas de decolagem. Assim reproduziu-se a surpresa que o emprego de canhões chinê-

ses havia causado em Dien Bien Phu.

Constata-se pois que materiais leves e rústicos podem contrabalançar, útilmente, materiais complicados e de alta técnica. Existe aí matéria para profundas reflexões.

4) No domínio da estratégia operacional, ficou patente que os procedimentos táticos empregados pelos Americanos, muito semelhantes aos nossos em Na-San e Dien Bien Phu, porém justificados por um poderio aéreo incomparavelmente superior, tiveram como consequência prender ao terreno efetivos consideráveis e, por conseguinte, reduzir enormemente as possibilidades de manobra. Assim é que, apesar dos meios serem consideráveis, a iniciativa foi inteiramente perdida. Parece que uma estratégia operacional apoiada em algumas bases costeiras de onde partiriam incursões profundas, teria sido mais vantajosa, sobretudo se fosse combinada com a ocupação densa de uma zona de pacificação em torno de Saigon e no delta do Mekong.

Essas operações de vai e vem, apoiadas no emprego maciço de forças transportadas por helicópteros e bem esteiadas pela aviação, poderiam talvez obter resultados contra as divisões norte-vietnamitas dispersas, desde que seu ritmo fosse bastante rápido para aproveitar ao máximo a mobilidade aérea. De qualquer forma, a multiplicidade das bases foi um erro, pois o terreno por si só não tem nenhuma importância.

DATA	AMERICANOS E ALIADOS				SUL-VIETNAMITAS					VIETCONG		
	EFEKTIVOS	DIVISÕES	AVIOES	HELICOP-TEROS	EFEKTIVOS TOTAIS	FORÇAS AUXILIARES	DIVIS-ÕES	AVIOES	HELICOP-TEROS	FORÇAS REGULARES	FORÇAS AUXILIARES	NORTE-VIETNAMITAS
MAIO 1966	21 000		200	240	500.000	200.000	9	200	240	46.000	100.000	
MAIO 1967	492.000 sendo 54.000 aliados	9 2 aliados	2.000 200 embarca- ções	2.000	621.000	300.000	10	250	100	113.000	140.000	37.000
FEV 1968	548.000 sendo 58.000 aliados	12 2 aliados	2.600	17.500	700.000	350.000	10	250	50			

5) Do lado do Vietnam do Norte ao contrário, constata-se a aplicação de uma estratégia baseada na idéia de forçar o inimigo a defender um número cada vez maior de pontos, ameaçando-os e, as vezes, atacando-os vigorosamente. Daí resultavam combates violentos por localidades, até mesmo por uma altura, que adquiriam então o valor de um símbolo e que não se desejava mais abandonar. Então o assaltante sumia na floresta sem que se pudesse saber se havia partido deixando somente um destacamento para inquietar ou se continuaria a ameaçar realmente a posição. Dessa forma se executou a fixação e a dispersão progressiva das forças adversárias. Essa estratégia consentida pela mobilidade da guerrilha, já empregada por Ciap em 1953-1954, foi novamente posta

em prática nos anos de 1966-1968.

Foi ela que levou ao ponto culminante da ofensiva do Tet.

6) Essas idéias são válidas, evidentemente, para um tipo de guerra e em um terreno muito peculiar. Uma extrapolação para uma guerra européia seria, fora de qualquer dúvida, um erro. Todavia, varios fatores merecem reflexão: a rigidez e a fraqueza de um exército muito ligado à técnica, o valor de uma boa infantaria dotada de armamento potente e leve, o meio de contrabalançar a superioridade aérea do inimigo, a conduta estratégica das operações a fim de não perder a iniciativa sobre um adversário progressivamente disperso e, acima de tudo, os infinitos recursos de um povo que deseja combater.